

**Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano**  
**Crônica 22– Agosto, 2015**

**ENTRE MUROS**

**Ierecê Barbosa<sup>1</sup>**

A onda de violência que assola Manaus está deixando seus habitantes entre muros. Os assaltos aos Shoppings, restaurantes, casas comerciais e residenciais têm sido notícia em toda imprensa e mídias alternativas.

Em uma rápida retrospectiva do que está mais próximo do meu entorno posso dizer que Manaus não é mais a mesma. Na segunda-feira, um rapaz foi assaltado na frente de um prédio na Efigênio Sales, causando pânico entre os moradores que viram o homem ensanguentado, estirado na calçada. Na quinta, ao sair de um evento acadêmico realizado em um dos nossos shoppings soube, pelo celular, que vários colegas ficaram presos lá e passaram um sufoco devido a um assalto no supermercado, localizado ali. Na sexta, soube logo cedo que bandidos-aranhas escalaram um prédio situado em bairro nobre e entraram pelas varandas, assaltando vários apartamentos.

Fiquei imaginando o número de ocorrências registrado na policia e deduzo, por essa pequena amostra, que nós, que pagamos impostos estratosféricos, estamos também entre muros, presos em casa e em apartamentos, devido ao clima de insegurança que envolve a cidade.

Viver entre muros é novidade para nós, nossa cidade sempre foi pacata, mas não é assim para a população carcerária existente no mundo. Aliás, o Estado-penal tem aumentado à medida que o Estado-previdência diminui. A política de encarceramento em massa faz parte da lógica do neoliberalismo que mascara a situação de extrema pobreza em que vive grande parte da população. Os números de presídios aumentam e sempre estão superlotados. A negação das condições mínimas de higiene e direitos humanos sempre fez parte da nossa cultura e ficamos irados se o preso tiver o mínimo de conforto. Quanto mais desumana a carceragem, melhor.

A criminalização da pobreza é outra distorção, como se todo pobre fosse potencialmente um criminoso. Os noticiários mostram, diariamente, que o crime organizado sustenta a banda podre da elite brasileira e o pior, desses bandidos a gente não se protege, eles circulam em ambientes públicos e recintos de luxo,

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: [ierecebarbosa@yahoo.com.br](mailto:ierecebarbosa@yahoo.com.br)

## Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

### Crônica 22– Agosto, 2015

sempre bem vestidos e cheirosos, passam tão despercebidos que, muitas vezes, depositamos neles a nossa esperança de dias melhores.

Observo, pelos noticiários, que a violência está institucionalizada e como tal tem a sua própria pedagogia. Uma das características é a disseminação do medo. Reparo, nos relatos, que a palavra-chave na abordagem em assaltos a mãos armadas é PERDEU, repetida nervosamente: perdeu, perdeu, perdeu... Ora, quem perde, não ganha. O que fazer na frente de um revólver apontado para nós? A pedagogia do crime também tem processo de aprendizagem para as vítimas: não reaja, não reaja, não reaja.

Mediante um assalto, o não reaja é ativado no seu cérebro, afinal você ouve isso todos os dias dos especialistas da pedagogia do crime. E o PERDEU! , PERDEU!, PERDEU! não vem nunca sozinho. Ele foi planejado e vem acompanhado de uma “ferramenta pedagógica” capaz de explodir nossos neurônios e sinapses. Diante das contingências metodológicas não tem cristão que não aprenda, a maioria tira nota boa na hora da prova prática. Tirar zero é a morte.

Infelizmente, Manaus se transformou em uma grande escola de sobrevivência em todos os sentidos. Aqueles que podem procuram se refugiar nos condomínios fechados, cercados por altos muros e cercas eletrificadas, reforçando a falsa segurança, tão vulnerável quanto às dos presídios. Os bandidos-aranhas já deram o recado, melhor daqui para frente fechar as varandas.

Outro detalhe, mulher de bandido também se emancipou. Não fica mais em casa cuidando da filharada para engrossar a bolsa presidiário, paga babá. Ela vai à luta junto com o marido e de sapatos altos. Afinal, casal unido rouba e assalta unido.

Bem, leitor, resta-nos por enquanto fazer a leitura do social, pois neste ponto ninguém pode falar em desigualdade: estamos todos entre muros. Ela só vai ficar evidente se observamos o que se passa por trás deles. Aí é outra história, as pedagogias são divergentes, mas os temas transversais são evidentes. Afinal, não é para isso que serve a interdisciplinaridade?